

**1º Lugar**

**PSEUDÔNIMO: NOEL**

**Antenor Pimenta Madeira**  
Escola de Engenharia

## **ROSAS NA CATEDRAL**

### **A GISÉLIA**

Não era muito grande a casa. Contava três quartos de tamanho médio, um quarto de entulhos, duas salas relativamente amplas e a puxada, onde ficava a cozinha. Quando da construção, muitos anos antes, Papai Isidro ordenou que a fachada fosse adornada de pedras coloridas e malacachetas. Ao lado da cozinha, havia o quarto de entulho, abarrotado de ferramentas, arreios, sacos de aniagem e pedaços de madeira. Dali podia-se chegar à oficina de Papai Isidro, onde a poeira preta e metálica cobria tudo.

Os estalidos secos do metal em brasa e o sussurro do fole deixaram Miércoles enjoada, estava empapada de suor, contorcendo-se na cama. A parteira limpava-lhe a testa, o pescoço, o queixo, com um pano molhado. Respirava asperamente, feito um cachorrinho n'água. De instante a instante, rilhava os dentes e tentava praguejar contra o barulho que Papai Isidro produzia na oficina. Sua voz, entretanto, tinha sumido. Nela, só era palpável a dor. Tranqüilize-se, disse a preta, enquanto abanava um leque junto a seu rosto, o menino não demora a nascer. Uma tacha d'água chiava no fogo; tudo estava preparado: a roupa branca jazia sobre a mesa e a cômoda guardava o enxoval do menino, pois ia nascer um menino, seria um menino. Porque Papai Isidro não parava com aquele terrível clangor? O ferro em brasa parecia ferir suas entranhas, revolvendo-lhe os humores. A preta ordenou que apertasse o lençol entre os

dentos. Mordeu-o furiosamente. Seus braços foram amarrados contra a cabeceira. Uma expressão de dor aflorou daqueles grandes olhos. Tornou-se lívida e um torpor inusitado tirou-lhe os sentidos.

Enquanto trabalhava o metal, Papai Isidro resfolegava feito um burro bravo. Era um homem alto, esquelético, cabelos secos, ar circunspeto, pernas compridas e meio arqueadas. Usava uma camisa aberta, sem colarinho, uma calça de baeta, cerzida nos traseiros; um lenço vermelho, sujo de carvão, caía-lhe do bolso. Tinha o nariz enegrecido e as narinas estavam cobertas de picumã. Seu peito era coberto por uma penugem que outrora fora branca e agora tinha uma cor indefinida, que se aproximava do cinzento. Desde a adolescência aprendera o ofício de ferreiro e tomara-se de amor pela oficina. Entendia a alma do metal. Trabalhava-o com mestria.

Parou de golpear o metal rubro, mergulhou-o n'água morna e sentiu o vapor contra o rosto. Assoou o nariz, e uma plasta escura ficou grudada no lenço. Caminhou até a mesinha, meio vacilante, e pegou com as mãos ásperas a bilha de leite. Seus lábios sugaram avidamente o leite que lhe deixou um bigode branco e cheio de gordura. Passou a costa das mãos contra os lábios, com a fisionomia um pouco azeda. Debruçou-se no peitoril da janelinha, de onde se via o quintal, e ficou a espiar o jacaré, amarrado por uma longa corrente de metal, tomando sol, sonolento, junto do poço. Dali, ouvia o vai-e-vem da parteira. Pensou na pobre Miércoles que se debatia no leito. Já não era uma menina, mas conservava-se angelical e pura. Pobre mulher, disse. Questão de horas, minutos talvez, daria à luz. Ele não tivera coragem de ficar a seu lado, não tinha jeito para essas coisas. Impressionava-se facilmente com os gemidos e resmungos das parturientes. Mastigou sem sentir uma lasca de madeira e foi cuspidando pelo terreiro afora. O jacaré puxou a corrente que o ligava à estaca, com os olhos espantados, contemplando o dono. Papai Isidro jogou-lhe vísceras de galinha. Sua sombra cobriu o jacaré, o vento quente agitou a poeira e levantou as folhas secas espalhadas na plataforma, para frente e para os lados.

— Então bichinho, que tal a comida? Verdadeiro banquete, pode acreditar — tinha certa ansiedade na voz — não gosta de comer sozinho, verdade? Então, depois o Papai Isidro virá comer em sua companhia, não deve ficar triste não. Hoje vai chegar gente nova na casa, Miércoles o aguarda dolorosamente, coitada. Mas ele vem, pois não há de ser ele? Há de se chamar Nabucodonosor. Quero que sejam amigos, e serão, estou certo — puxou a corrente levemente — sei que não gosta da corrente, mas é que não existe outro jeito, seu fujão. Já imaginou se o solto? Adeus, nunca mais o veria. Sem você, eu ficaria muito triste, triste mesmo. Miércoles também. Ela o teme, é verdade, mas no fundo, ela gosta do meu bichinho. Afinal, não conheço nenhum jacaré tão bonzinho.

A preta saiu pela porta da cozinha e caminhou na direção do poço. Tinha as mãos sujas e os olhos radiantes. Era gorducha, já entrada em anos. Levantou ambas as mãos, batendo uma de encontro à outra. Papai Isidro ergueu os olhos, esperando que ela falasse. A mulher estacou, tinha medo do jacaré. Papai Isidro sorriu com os cantos da boca e se aproximou. Ela olhou em volta e aguardou que ele perguntasse:

— Então, como está Miércoles?

— Teve um menino — disse, com pequenos intervalos entre as palavras — é um menino robusto.

Papai Isidro meteu-se porta adentro com a rapidez do relâmpago. Imóvel, a mulher o seguiu com os olhos, senhora de si, contente talvez por conhecer tão bem a ciência de sua profissão. Sentiu um movimento atrás de si. Era o jacaré. Com todas as forças, soltou o mais alto grito que pôde, ao mesmo tempo que se atirou, num salto, a caminho da porta, o coração acelerado, a alma pela boca, e tremores por todo o corpo.

\*

Junto da pérgula, entre as ramagens verdes e os canteiros de crisântemos, o pequeno Nabucodonosor perseguia a rã. Saltitante, os olhos estatelados, precisa no movimento de suas patinhas, ela tentou escapar do menino. Mas o verde das rama-

gens não era suficiente para a proteger do caçador. Agora, ele vinha bem armado, as mãos carregadas de pedras, o estilingue no bolso do macacão. O rosto rosado denunciava o mesmo sorriso de Miércoles, as faces soberbas, os olhos grandes, o queixo pronunciado e altivo. Avistou a pobre rã detrás de um pedaço de madeira já em decomposição. De um pulo, ela voou sobre os cogumelos, que eram pequenos guarda-chuvas, onde os duendes costumam se abrigar. Não me escapa, pensou Nabucodonosor. A primeira pedra atirada quebrou uma das patas do anfíbio; a segunda roçou sua pele úmida. Fechou os olhinhos rapidamente e, apesar da fadiga, animada por secretas energias, ela foi deslizando na direção do poço. O menino quase não se conteve de tanto riso, enquanto a rã metia o corpo magoado na água. A princípio, Nabucodonosor hesitou, mas adquiriu uma espécie de confiança, alegre e forte, e jogou-se n'água também. A água da tarde massageou seu estômago. Não sabia nadar, por isso apoiou os pés sobre uma pedra e ficou olhando a rã se afastar. O vento arrepiou os pelos de seus braços. Estendeu-se de costas sobre a superfície lisa; uma sensação de perda o dominou. O sol batia contra seu rosto. Esquecida a rã, sua mão brincou com as pedrinhas redondas e as areias coloridas debaixo da água. Chegou no vento a voz alegre de Papai Isidro. Pensou no rosto do pai coberto de fuligem. Descansou bastante tempo, o sol queimando-lhe o rosto, os cabelos desalinhadados, a morna aragem soprando. O mundo estava longe, bem longe, aquele seu mundo de criança. Um tronco de madeira vinha sobre a água, flutuando em sua direção. Afundava e emergia, vindo sempre para junto do menino que, sob o sol, parecia um peixe prateado, as escamas cintilando. Pressentiu que algo o roçava, e isso o despertou, de súbito. Ficou imóvel, perplexo, e o sol impediu que pudesse ver o que fosse. O pedaço de madeira que antes boiava ganhou vida, transformou-se na bocarra que lhe foi consumindo o braço direito. Era o jacaré. Sentiu que a carne cedia facilmente, e o sangue quente tingiu a água da tarde. O fundo do poço o atraía, as pedras eram ímãs e o jacaré o guiava, puxando-lhe o braço dilacerado. Um momento depois, Papai Isidro gritou, enegrecido de carvão, agarrou-lhe primeiro os cabelos,

depois o braço livre e, por fim, desesperado como um galo de briga, juntou todas as forças, apertou-o contra o peito, a cabeçinha de peixe metálico apoiada no ombro, o sangue empapando-lhe a camisa. O pequeno Nabucodonosor sentiu que de seu coração brotavam flores frias, embora tão belas quanto as flores e roseiras em volta da pérgula, onde sua mãe, Miércoles, aguava suas tardes, a cantarolar canções monótonas.

Naquela noite, enquanto o pequeno ardia em febre, Papai Isidro esquartejou o jacaré e o queimou em fogo pétreo, ouvindo o fole arquejar, as brasas exalando odores nauseabundos, a cabeça pesada, os lábios retorcidos, ainda mais vermelhos que as brasas. A umidade entrava pela janelinha da oficina e a noite estava fria. O pobre homem viu brutalidade em tudo que o cercava. Chorou com dignidade, orou uma prece atropeladamente, o sangue lhe martelava nas têmeoras.

\*

Nabucodonosor acabava de completar quinze anos quando, pela primeira vez, matou um homem. Crescera longe de todos; as manhãs e auroras de sua existência passara sozinho, esquivando-se de toda e qualquer companhia, inclusive a de Papai Isidro. Miércoles lera nos livros uma série de coisas e lá aprendera que, por não sei que força misteriosa, um defeito físico faz com que o indivíduo o traduza no aperfeiçoamento de um sentido ou de uma série deles. Achava esquisito, entretanto, que Nabucodonosor tivesse atingido quase a perfeição logo no manejo das armas de fogo. Embora fizesse uso apenas do braço esquerdo, manobrava, com a mesma leveza de movimentos, tanto o revólver quanto a espingarda ou a carabina. Sua arma preferida era o taurus 38. Papai Isidro dera-lhe um; tinha cabo de madrepérola e reluzia sob a luz, untado de óleo, o tambor girando sem dificuldades, o gatilho macio, o cão prestes a detonar a cápsula.

Para ele, contava pouco o nome de quem deveria ser morto. Agarrara-se à profissão de pistoleiro como Papai Isidro, por certo, um dia, deve ter escolhido a de ferreiro. Para Miércoles ficou provado que a predestinação não deve ser tão ignorada como querem alguns. Não sabia como pôde suportar o choque,

no instante em que Nabucodonosor entrou, os olhos frios, e anunciou que matara aquele infeliz.

Ele guardou o dinheiro do crime debaixo do colchão. Deitou-se de costas, sem pensar em nada, fechou os olhos, sentiu um vento tépido a lhe afagar o peito. Aos poucos, no lugar do vazio que se apoderou dele, surgiu a lembrança do homem caindo de borco sobre as capistranas da rua. Lembrava-se de que o tinha examinado detidamente; até sacudiu o cadáver com o intuito de fazê-lo recobrar os sentidos para, então, matá-lo novamente. Não experimentou pasmo nem medo, apenas um comichão na carne, como se alguém lhe fizesse cócegas. Perscrutou o invisível, dormiu e não teve sonho nenhum.

No dia seguinte, abriu largamente as janelas, avistou o sol resplandescente a iluminar o jardim. Miércoles aguava suas roseiras e elas pareceram-lhe maravilhosas, banhadas de sereno. Sorriu para a mãe. Ela, entretanto, baixou os olhos. Nabucodonosor esticou o braço, apanhou uma rosa vermelha que chegava à altura da janela e jogou-a na direção da pérgula. Os olhos da mãe acompanharam a parábola descrita e as pétalas que se espalharam no ar. Ele teve vontade de gritar: sou eu, estou aqui, mãe, não morri, estou vivo! Não tinha medo e as rosas eram vermelhas. Ah, soltou um suspiro, afastando-se da janela.

Tomou o café sem açúcar, sozinho. Não comeu nada; não sentia vontade de ter nada na boca além do café amargo. Espicçou os bicos do pão entre os dedos e deixou que os pedacinhos fossem caindo sobre o mosaico da toalha. Pensou: o homem é um bípede; o cavalo, quadrúpede; de que me adianta saber isso? Riu de si mesmo. Estava convencido de que nada tinha de filósofo e, por isso, afastou de si a idéia de ficar refletindo como tolo. Filosoficamente sou compassivo, um pobre bêbado, disse. Deu uma boa gargalhada.

Minutos depois, estava no jardim. Miércoles deu-lhe a bênção e continuou a podar uma roseira. Estava silenciosa, melancólica, parecia um espectro. Trajava um vestido cinza, meio machucado pelo tempo e o avental branco tinha manchas de gordura e terra. Olheiras pronunciadas marcavam-lhe o rosto. Terminou a poda. Com a enxada, revolveu um canteiro. Ali plantaria alegretes.

A Turca, uma moça das vizinhanças que começava a se interessar por Nabucodonosor, ia trazer as mudas. Misturou o esterco na terra, encheu o regador e aguou o novo canteiro. Nabucodonosor agachou-se e ficou a triturar torrões de terra com os dedos.

— Não consigo atinar com o que pode estar se passando na sua cabeça.

— A senhora não pode adivinhar — falou num tom de consolo — é que resolvi levar algumas rosas para colocar diante da Mater Dolorosa, na catedral.

\*

Desde então, ele, Nabucodonosor, assim que levava a termo alguma empreitada, corria ao jardim, acompanhado por Miércoles ou pela Turca, enchia uma cesta de rosas (preferia as vermelhas), saía de casa alegremente, dobrava a esquina à direita, seguia o grande rio africano que era a Rua Nelson de Sena. O grande rio desembocava na estreita Rua Dep. Nacip Raydan, onde Nabucodonosor caminhava alheio à ordem natural das coisas e das pessoas e nenhuma paixão especial conseguia alcançar seu coração. Por fim, a rua, ou seja, rio, o rio que ele ia seguindo, desaguava na praça em que parecia haver uma eterna luz crepuscular, e essa luz certamente conhecia a dimensão histórica daquela rua estreita (leia-se: rio estreito) que paradoxalmente recebia as águas do caudaloso rio africano, e Nabucodonosor sabia e pensava, enquanto subia os degraus da catedral, que fizera uma travessia surpreendente mas, ao mesmo tempo, reconhecia que tudo não passava de mero expediente. Era justamente neste instante que ele se sentia humano. Entrava na catedral com o passo manso do peregrino que afluí a algum rio porventura sagrado para se purificar em suas águas. A porta é a via de penetração que me resta, mas seria bom atravessar as paredes, dizia consigo. Nessas ocasiões seus olhos começavam a enxergar além das meras imagens, além dos vidros coloridos, das figuras pretéritas pintadas no céu da catedral, e muito além da atmosfera úmida e inerte que havia ali. As rosas depositadas ante a imagem da Mater Dolorosa eram o baluarte invencível contra o dragão medieval que, às vezes, tentava vir à tona em seus lagos mais

ocultos. Ali, longe das paixões potenciais, as águas de seus lagos íntimos eram dominadas por uma inesperada mansietude. Engraçado, meu único braço não é capaz de me tornar mais humano que um cavalo — dizia em silêncio e, ao mesmo tempo, fazia pilhérias mudas com as imagens à sua volta — só a razão me distancia da condição equina.

\*

Papai Isidro mantém os olhos baixos, os braços cruzados sobre a mesa. Tem a pele seca, cor de terracota e fumo; cores que se fundem naturalmente e se interpenetram. Não tem coragem sequer de encarar Miércoles, que está diante dele. A voz dela sai como se estivesse sendo forjada a custo, rouca e ferina, tresloucada, santamente áspera e rude.

— Fez como faria qualquer labrego, desatou a correr pelo quintal afora, passou entre as ramagens e arames da cerca, o braço a balançar, mudo e louco, de uma maneira que jamais vi. Correu por um longo tempo e, por fim, meus olhos já ardiam, erguidos contra o sol, quando ele desapareceu na sombra de uma última bananeira. Esperei ainda vê-lo, mesmo quando já não havia em mim sequer uma réstia de esperança ou uma fimbria de luz nas regiões da memória.

Mas voltou. Voltou horas depois, tinha o ar ofegante, alguns cortes que sofrera nas folhas afiadas do mato, a roupa desalinhada e suja, os olhos de louco contido. Transpôs a porta em silêncio, sem deixar transparecer o crepúsculo que talvez o invadissem. Observou-me, resignado e triste. Disse-lhe: «a Turca gostaria de vê-lo. Chora como uma desatinada e espera pelo menos falar umas poucas palavras com você.» Dirigiu-se à cozinha; desastradamente bebeu o café sem açúcar de todos esses anos; o fogo estava meio apagado, soprou uma brasa para acender o cigarro. A mim me pareceu um homem que nada fizera durante vinte e quatro anos, uma massa inerte, um iguana de pedra, uma tartaruga pré-histórica, insignificante, sem vida. Às vezes, de onde estava sentado, olhava-me, entre arrependido e triunfante. Falei umas frases mais a respeito da Turca; ele, porém, não escutou. É provável que não quisesse assim proceder.



Talvez, é até bem provável, afirmo. Mas o certo é que ele não era capaz de ouvir coisa alguma. Pensei: «está aí, como o homem debruçado diante das águas tranqüilas de um lago, contudo, sem perceber seu rosto, pois é noite, é noite escura, e ele talvez nem consiga sentir que o sangue pulsa fortemente em suas veias.» Olhou fixamente as paredes nuas, como se tivesse nelas algum interesse e não aquele menosprezo por tudo, que lhe é tão peculiar. Sorriu diante de mim, e era como se eu ali não me encontrasse, sorriu simplesmente, aquela espécie de sorriso que fica em nossa lembrança para todo o sempre, como se fosse um sinal, um símbolo previamente combinado. Não pude medir quanto tempo ficamos assim. Aliás, eu mal podia dizer se era noite ou dia. Nabucodonosor pôs-se de pé, abriu o armário e lá guardou o revólver, da mesma maneira cautelosa que uma criança esconderia o brinquedo de sua predileção — a voz de Miércoles, como sói acontecer, é triste e quase morre de tão fraca. Papai Isidro tem uma expressão também triste e desolada — colocou no armário também as cápsulas que trazia nos bolsos. Li no rosto dele, subitamente, uma carranca de dureza e espanto. Cheguei a pensar que aquela carranca era do Demônio e não o rosto soberbo e frágil de meu filho. Aí, sobre o lavatório, ele notou as rosas que eu colherei para a Turca. Ele disse-me: «as rosas não ficam bem ali». Quando me refiz do tom cavernoso de sua voz, ele já tinha agarrado as rosas. Não pude sofrer mais, não tive forças para suportar tanta vaidade, tanta cegueira. Era demasiado tarde, minha mão já tinha descido duas vezes contra aquele rosto. Dei-lhe outras bofetadas. «Ele está terrivelmente perdido», disse consigo, «foi, desde todo o sempre, uma semente podre.» Daí, desapareceu por encanto. Virou as costas, e sumiu com as rosas, podre Nabucodonosor!

✽

No domingo de sua morte, Nabucodonosor atravessou a praça devagar, como se já guardasse ordenadamente na cabeça o número de passos para chegar à catedral. Agia como se estivesse hipnotizado. Sabia que levava as rosas, mas não atinara ainda com o motivo de sua ida à catedral, daquela forma brusca,

aparentemente brusca. Isso parecia longe de sua compreensão e conhecimento. «Assim que eu me encontrar lá dentro, talvez me lembre de quem matei hoje». Continuou caminhando sob a luz dos lampiões. Ainda não eram nove horas. Dir-se-ia, entretanto, que Nabucodonosor talvez levasse rosas a uma namorada, tão plácida era a sua expressão. A luz amarelada e bolorenta inundava o interior da catedral; ele pôde vislumbrá-la de longe, furando as janelas. «Antes, nunca levei rosas, sem que tivesse matado alguém.»

Lembrou-se de uma noite, junto à pérgula, em que ele conversava com a Turca. Para ele, aquela moça esbelta e esguia possuía apenas as virtudes secundárias, faltando-lhe, portanto, as virtudes primárias e suas principais qualidades. Concordava Schopenhauer quando este diz que as aptidões naturais da mulher explicam a humanidade, a piedade e a simpatia que estas dispensam aos desgraçados. «É fraca de razão como todas as outras e nem mesmo aqueles olhos sublimados conseguem fazê-la diferente de uma mula ou uma ratazana.»

A Turca, cujo nome de batismo era Nagibe, possuía cabelos negros e longos, o rosto era oval, muito pálido, embora denunciasse certa altivez; não havia eloquência alguma naquela voz arrastada. Vestia-se desalinhadamente e tinha uma absoluta necessidade de amar. Essa necessidade lhe era ditada por uma ordem superior, que ela sentia muito próxima da mão e, ao mesmo tempo, tão abstrata quanto o momento que acaba de escoar na ampulheta.

Nabucodonosor sempre ouvira a jovem Nagibe com frieza. Tornava-se frio e áspero como uma pedra quando percebia aquelas sílabas dissonantes dirigidas a ele. Algumas vezes, é verdade, aquela voz sem eloquência conseguia alcançar, não sem grande dificuldade, o pórtico de uma casa não tão sombria dentro dele. Mas à primeira brisa, a rosa dos ventos girava e o pórtico desaparecia, mantendo-se além do que alcançavam os mapas e as cartas geográficas comuns, e até mesmo o mais descabido conhecimento humano. Nabucodonosor oscilava, feito um pêndulo, entre a Turca e o nada. I love and hate her, pensava consigo (conforme escreveu Shakespeare), num instante imensurável e, de repente,

maior que o mundo e tão infimo quanto o amanhecer da matéria. Reconhecia que aquele amor teria significado para ele, não agora, mas ao tempo em que a velhice e a descrença fossem as únicas rugas nítidas em suas faces de velho.

A velhice é um enigma, pensou. Apalpou-se e então se lembrou que estava desarmado. «Engraçado, como seria mesmo o primeiro homem que matei? Sei apenas que ventava muito e parecia um dia feito para se matar alguém. Seria ele um desses homens que nos fazem pensar em chuva e lama? Tenho a sensação de chuva e lama nas narinas.» O ruído das botas de couro ressoava no chão e no ar da praça deserta. Longe, os sapos, os grilos e os pirilampos fundiam-se com a noite.

Aconteceu, então, o que ele, Nabucodonosor, certamente não imaginara diferente. No momento em que galgava os primeiros degraus do pórtico, recebeu contra o rosto a investida inicial do pedaço de ferro que antes, com certeza, fora uma tranca ou uma alavanca de deslocar toros de madeira. «Algo quente cobriu-me o olho direito e agora tapa completamente minha visão.» A pesada tranca (ou alavanca de deslocar toros de madeira) afundou-lhe a superfície frágil do crânio. E eram muitos os olhos que espiavam a cena, invisíveis na noite. Talvez Nabucodonosor já soubesse que a praça não era tão deserta quanto a princípio lhe pareceu, nem tampouco a solidão da noite era quebrada apenas pelo ruído ingênuo dos sapos e grilos, e pelas lanterninhas intermitentes dos pirilampos. Sentiu as pedras frias da rua no rosto. «Meu braço está estendido, sozinho, como se não fizesse parte de mim. É uma pena que este sangue quente cubra meus olhos. Gostaria de ver claramente em torno de mim. Ainda bem que não trouxe armas.»

Os olhos já não mais invisíveis espiavam cada vez mais de perto a massa desfigurada e quase inerte, esvaindo-se sobre as pedras nuas. Não havia espanto nem comiseração naqueles olhos. Sequer pasmo, apenas indiferença, nada mais. Antes de dar o derradeiro suspiro, Nabucodonosor compreendeu que as rosas, agora espalhadas pela calçada triste, eram para ele, em seu nome e em sua intenção.



